

USOS DO NACIONALISMO NA ELEIÇÃO PROVINCIAL DE ABRIL DE 2014 NO QUEBEC¹

THE USES OF NATIONALISM IN QUEBEC APRIL 2014 PROVINCIAL ELECTION

Oscar Augusto Berg²

Resumo: A presente comunicação tem como objetivo principal determinar o papel que o nacionalismo exerceu na eleição de 7 abril de 2014 na Província do Quebec, no Canadá. Para isso, realizamos uma pesquisa documental junto a três jornais quebequenses francófonos, nos quais identificamos, ao longo da campanha eleitoral, um total de 490 publicações relacionadas à questão nacional quebequense. A análise destes dados nos permitiu identificar que cada um dos quatro partidos com representação parlamentar adotou pontos de vista diferentes sobre a questão nacional, apresentando visões concorrentes sobre o futuro político do Quebec. Este cenário nos leva a concluir que a relação com o projeto de independência continua a estruturar a política quebequense.

Palavras-Chave: Quebec (Canadá). Nacionalismo. Parti Québécois.

Abstract: This paper aims to define the role that nationalism played in Quebec's April 7th 2014 general election. In order to do so, we conducted out a documental research in three francophone Québécois newspaper in which we identified a total of 490 publications related to Quebec's national question during the campaign. The analysis of these data allowed us to identify that each party represented in the Assemblée nationale adopted different points of view concerning the national question, presenting competing visions about the political future of Quebec. This scenario drives us to conclude that the independence project is still relevant to the structure of politics in Quebec.

Keywords: Québec (Canada). Nationalism. Parti Québécois.

¹ Trabalho apresentado ao Grupo de Trabalho 'Mídia e Eleições' do VII Congresso da Associação Brasileira de Pesquisadores em Comunicação e Política (VII COMPOLÍTICA), realizado na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), de 10 a 12 de maio de 2017.

² Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Bolsista Capes. E-mail: oscar.b5@hotmail.com. Esta pesquisa foi orientadora pela Prof. Dra. Tatiana Vargas Maia (Unilasalle Canoas).

1. Introdução

Em 7 de abril de 2014, a população do Quebec foi às urnas para eleger a 41ª legislatura da província canadense. Neste dia, os quebequenses infligiram uma dura derrota ao *Parti Québécois* (PQ), desmentindo todas as sondagens de início de campanha, que o apontavam, em meados de março daquele ano, como o provável vencedor do pleito. Assim, longe de alcançar o seu objetivo de conquistar 75 distritos (SALVET, 2014), o PQ venceu em apenas 30, recebendo a segunda menor votação em todos os tempos. Este resultado histórico levou alguns comentaristas a anunciarem a morte do nacionalismo quebequense (MCPARLAND, 2014; PATRIQUIN, 2014), apoiando-se na orientação independentista deste partido de origem social democrata.

A corrente nacionalista foi, majoritariamente, brutalizada. Nós podemos até mesmo nos perguntar se a baixa votação do PQ não seria uma forma de negação do nacionalismo, tanto que este partido encarnara sua essência durante a eleição de 2014 (BERNIER ARCAND, 2015, p. 9-10).

O recurso ao nacionalismo, de modo geral, e à perspectiva de independência do Quebec, em específico, como fatores explicativos da derrota sem precedentes do PQ podem parecer estranhos à primeira vista. Em primeiro lugar, como indicam alguns autores, o nacionalismo seria um fenômeno condenado a desaparecer em um mundo globalizado (KEATING, MCGARRY, 2001, p. 4; KYMLICKA, 2001, p. 61), aspecto particularmente sensível em uma nação profundamente integrada à economia global e definida enquanto sociedade de acolhida de imigrantes (GAGNON, BOUCHER, 2016). Igualmente, este argumento causa estranheza, pois desde a derrota do segundo referendo sobre a soberania, em 1995, o PQ havia deixado de lado a determinação em promover o ideal independentista, preferindo aguardar “condições vitoriosas” para organizar um novo referendo sobre a independência, cuja perspectiva fora, finalmente, trocada pela promoção da ideia de “governança soberanista”, quando o PQ retomara o poder, em 2012. Esta oposição entre uma ideia que se anunciava condenada a desaparecer do cenário político quebequense e que, como demonstraremos, acabou por influenciar a evolução da campanha, chamou a nossa atenção para o estudo da eleição provincial quebequense de abril de 2014.

O objetivo da presente comunicação é investigar os papéis que o nacionalismo, de um modo geral, e o projeto de independência, em específico, exerceram nesta eleição, partindo da análise da cobertura midiática deste evento. Por um lado, nos interessamos pela abordagem que a mídia fez da presença destes dois assuntos – que reunimos sob o nome de questão nacional, como geralmente é feito no discurso público *québécois* – e, por outro lado, pelos usos que cada formação política com representação parlamentar na Assembleia Nacional do Quebec (ANQ) fez da questão nacional. Para atingir este objetivo, conduzimos uma pesquisa documental junto às bases de dados de edições escritas de três dos principais jornais do Quebec – *La Presse*, *Le Devoir* e *Le Journal de Montréal* – aplicando um dicionário temático para selecionar apenas as publicações em torno da questão nacional, o que nos permitiu identificar 490 documentos, entre artigos de opinião, editoriais e notícias, veiculados ao longo da campanha eleitoral e portando sobre a temática de nosso interesse. Este levantamento indicou a permanência da temática nacionalista ao longo de toda a campanha e apropriações desta por todas as formações políticas, desta maneira concluímos que apesar das transformações do sistema partidário quebequense e do crescimento da importância da clivagem esquerda-direita, a relação dos partidos e dos eleitores com relação ao projeto de independência continua a estruturar a política quebequense.

2. O fenômeno nacionalista e o seu desenvolvimento no Quebec

Ao descrever o Quebec como objeto de estudos, Gagnon afirma que “[ele] é visto como um vasto laboratório de primeira importância, permitindo identificar, entre outros, os principais desafios relativos à memória, às identidades e ao pluralismo com que se confrontam as pequenas nações nas democracias liberais avançadas” (2003, p. 14-15). O termo ‘pequena nação’ impacta diretamente no entendimento que teremos, aqui, acerca do nacionalismo. Ainda que esta designação avançada por Gagnon sofra da falta de um consenso sobre a sua conceitualização (CARDINAL, PAPIILLON, 2011, p. 78), podemos perceber que no caso do Quebec ela indica o fato desta sociedade ser uma nação desprovida de sua soberania

política – desprovida de seu Estado próprio – e inserida no interior de outra nação, maior, e detentora de um Estado, o Canadá.

Situando o nacionalismo quebequense como um nacionalismo de tipo minoritário, podemos adotar a seguinte definição de Balthazar para balizar nosso artigo: Nacionalismo seria “um movimento que consiste em dar uma prioridade ao pertencimento nacional e a lutar para um melhor reconhecimento da nação a qual se pertence” (2013, p. 22). Esta definição tem como vantagem destacar que a luta nacionalista pode ocorrer, em contexto minoritário, tanto pela busca de uma autonomia no interior de uma estrutura política maior – por exemplo, quando o Quebec busca obter poderes exclusivos junto ao governo federal canadense – tanto pela busca da soberania no plano internacional para a formação de um Estado independente.

Da mesma forma que ocorre nos nacionalismos majoritários, os nacionalismos minoritários se apoiam em um passado que não é necessariamente aquele fruto da investigação científica dos historiadores, mas em um no qual a conexão à realidade científica não é exigida, segundo Smith: “A nação é uma categoria inventada [...] Os nacionalistas aspiram a um passado mítico, que existe apenas nas suas mentes e nas de seus seguidores” (2000, p. 187). No caso do Quebec, como já pudemos sublinhar anteriormente (BERG, 2016), encontramos uma sucessão entre diferentes movimentos nacionalistas, cuja sucessão entre si transcorre em um processo de invenção e reinvenção do passado, constantemente alterando as fronteiras e os elementos constitutivos da nação quebequense (PERRONE-MOISÉS, 2001).

Se o ponto de partida desse processo é a fundação do Quebec como colônia francesa e a sua posterior conquista pelo exército britânico, em 1759 – o drama fundador da nação quebequense (JONES, 1999, p. 173) – o nacionalismo propriamente dito faria sua primeira aparição apenas no final do século XIX, quando a província é dotada, pela primeira vez, de instituições democráticas que possibilitam a participação popular na gestão dos assuntos públicos. Entre 1791 e 1838, portanto, se manifesta o nacionalismo canadense, um movimento que irá lutar contra o ordenamento político imposto pelo Império Britânico (notadamente, em favor da responsabilidade ministerial) e irá propor por meio das Revoltas Patriotas

de 1837-1838 a independência do Quebec, então conhecido como Baixo Canadá. A supressão desse movimento revolucionário dá lugar a um nacionalismo menos voluntarista e mais voltado à sobrevivência cultural dos francófonos em um Canadá no qual os anglófonos haviam se tornado majoritários do ponto de vista demográfico desde a segunda metade do século XIX. A partir dos anos 1950, na esteira de um movimento global de contestação “da autoridade sob todas suas formas” (Ibid., p. 184), que, no Quebec, é representado pela Revolução Tranquila lançada pelo governo liberal de Jean Lesage, o nacionalismo canadense francês é duramente questionado e acaba por dar lugar ao nacionalismo *québécois*³.

Do triângulo constitutivo do nacionalismo canadense francês, dois elementos – a referência à religião católica e à etnia *canadienne-française* para estabelecer as fronteiras da nação – são esvaziados e o terceiro, a defesa da língua francesa, não se inscreveria mais em uma lógica de sobrevivência (MILOT, 2009, p. 67). As reformas da Revolução Tranquila e construção de um Estado moderno conscientizam os francófonos do Quebec que eles poderiam se apoiar nesta estrutura política para defender a sua emancipação (BALTHAZAR, 2013, p. 147) e que, assim, eles não poderiam mais ter seu destino ligado àquele dos francófonos vivendo em contexto minoritário nas demais províncias canadenses⁴. Neste cenário no qual o nacionalismo assume o objetivo não apenas de fazer uma população sobreviver, mas de afirmar uma nação *québécoise* no interior e no exterior das fronteiras do Quebec, o nacionalismo *québécois* faz emergir, pela primeira vez desde as Revoltas Patriotas, do século XIX, a ideia da independência do Quebec.

³ Me inspirando em Beatriz Perrone-Moisés, decido por manter o termo em francês, pois ele é carregado de significado político, como lembra esta autora: “Opto aqui pela utilização do termo “québécois(e)” porque falo de uma identidade cujo conteúdo é diferente daquele que corresponderia ao termo “quebequense” em português. Este, na medida em que se refere a qualquer indivíduo que tenha nascido na província do Québec, é um termo politicamente neutro, quando aqui se está falando a partir de um discurso, ao contrário, politicamente orientado” (2001, p. 24).

⁴ Esta situação de uma francofonia minoritária na escala do Canadá, porém, majoritária no interior da província do Quebec perdura até hoje. Em 2011, o francês era a língua materna de 22% dos canadenses e 79,7% dos quebequenses. Descontando os dados do Quebec, 4,2% da população das demais províncias canadenses têm o francês como língua materna (GOUVERNEMENT DU CANADA, 2011, p. 2-3).

3. Polarização política e sistema de partidos no Quebec

A emergência de uma nova identidade e do nacionalismo québécois, nos anos 1960, representou a chegada da opção independentista ao centro do debate político. De fato, desde o lançamento da Revolução Tranquila, a política quebequense passara a ser orientada pelo seguinte questionamento: qual a natureza das relações que o Quebec deve estabelecer com o restante do Canadá?

Esta pergunta recebeu, essencialmente, três respostas: o federalismo canadense, a independência do Quebec e a busca pela autonomia provincial, que se tornaram verdadeiras fundamentações dos partidos políticos quebequenses. A antiga União Nacional (UN), principal representante do nacionalismo canadense-francês e da via autonomista, rapidamente desaparece do mapa eleitoral na década de 1970, sendo eclipsada pelo independentista PQ, fundado em 1968 pelo ex-ministro do governo Lesage, René Lévesque. O Partido Liberal (PLQ), por sua vez, se consolidou como contrário à independência e favorável ao modelo federal canadense. Assim, no Quebec, ao contrário da maior parte das sociedades ocidentais, a polarização entre os partidos não se dá tanto pela clivagem esquerda-direita, mas, sobretudo, pela oposição entre os proponentes da independência do Quebec, os *souverainistes* (“soberanistas” ou independentistas) e os favoráveis à manutenção do Quebec no Canadá, os federalistas (GAGNON, MAY, 2009, p. 121).

Este quadro incentivou uma competição bipartidária entre o PLQ e o PQ até a virada ao século XXI e levou à realização de dois referendos sobre a soberania do Quebec, respectivamente, em 1980 e 1995. Neste último, uma diferença de cerca de 55 mil votos separou, então, os nacionalistas de alcançarem seu objetivo independentista. Em um cenário de pós-referendos, a presença de partidos terceiros na arena eleitoral cresce de maneira contínua, em detrimento à configuração bipartidária. Esta mudança se alimenta, sobretudo, da perda do interesse no debate pela questão nacional e pelo futuro político do Quebec e do acréscimo de importância de questões ligadas ao papel do estado na economia e à gestão das finanças públicas (BASTIEN, BÉLANGER, GÉLINAU, 2013, p. 17). Em paralelo, outra mudança importante diz respeito ao avanço da direita política e das ideias conservadoras, quebrando o consenso progressista da Revolução Tranquila. Em

2007, a Ação Democrática do Quebec (ADQ), principal representante desta nova corrente, se tornou o segundo partido mais votado, defendendo a superação da velha clivagem em benefício de uma paz constitucional, marcando uma espécie de retorno à velha proposta autonomista da extinta União Nacional (BOURQUE, 2003).

Atualmente, a oferta política quebequense é dominada por quatro partidos políticos: os já mencionados PLQ e PQ, assim como a Coalização Futuro do Quebec (CAQ), que sucedeu à ADQ quando de sua extinção, em 2012, e Quebec Solidário (QS), formado em 2006. Estes dois últimos partidos aparecem como testemunhas da possível *“nova fase de realinhamento eleitoral marcada pela transição de um sistema partidário articulado em torno da questão da soberania do Quebec[...] em direção a outro sistema, este estando estruturado mais em torno do eixo ideológico esquerda-direita”* (BASTIEN, BÉLANGER, GÉLINEAU, 2013, p. 16). A CAQ, fundada por dissidentes do PQ e remanescentes da ADQ, teve como política oficial entre os anos de 2011 e 2015 decretar a moratória sobre a questão nacional⁵ e voltar todas as suas atenções para a recuperação econômica do Quebec, por meio, sobretudo, de cortes de impostos e da defesa do poder de compra da classe média (COALITION POUR L’AVENIR DU QUÉBEC, 2011). QS, por sua vez, ainda que se declarando abertamente independentista, submete a realização desse objetivo ao avanço de soluções características da esquerda política em questões sociais, rompendo com a abordagem de coalizão do PQ.

No momento em que os quebequenses se dirigem às urnas, em 2014, portanto, o sistema partidário quebequense estaria em transição de um longo período marcado pelo bipartidarismo para uma configuração multipartidária ou, pelo menos, tripartidária. Ainda, a clivagem em torno da questão nacional não exerceria mais o papel definidor de fronteiras políticas como no passado, sofrendo a concorrência dos debates associados à clivagem esquerda-direita. Vejamos, agora, como esta reorientação impactou na eleição de 2014 e no papel que nela assume a questão nacional.

⁵ No ano de 2015, a direção da CAQ decidiu adotar uma reorientação dita “nacionalista”. Em oposição ao PLQ, federalista, e ao PQ, independentista. Esta virada vem a confirmar nossa suspeita de que após um ensaio de queda da importância da questão nacional, ela volta a estar no centro do debate político no Quebec.

4. Os usos do nacionalismo na eleição de abril de 2014

Para a determinarmos o papel que a temática nacionalista ocupou na campanha da eleição provincial quebequense de abril de 2014 realizamos uma pesquisa junto à mídia impressa do Quebec. Escolhemos três jornais: *La Presse* e *Le Devoir* pela sua abrangência em todo o território quebequense, e o *Journal de Montréal*, que apesar de sua distribuição concentrada em Montreal e sua região metropolitana, é a publicação com a maior tiragem em toda a província (CENTRE D'ÉTUDES SUR LES MÉDIAS, 2015, p. 12). Através da base de dados *Eureka.cc* e de um dicionário temático⁶ contendo palavras-chave pertinentes ao objeto de estudos, selecionamos 490 publicações veiculadas entre os dias 5 de março de 2014 – data do lançamento da campanha eleitoral – e 8 de abril de 2014 – dia seguinte à eleição – mencionando, ao menos uma vez, uma das cinco palavras-chave escolhidas. Destas, (184) foram publicadas no *Journal de Montréal*; (156) no *Le Devoir* e (150) na *La Presse*. Sob o plano do formato da publicação, encontramos (230) notícias propriamente ditas; (198) artigos de opinião; (54) manifestações de leitores e; (8) editoriais. No Gráfico 1, abaixo, percebemos como elas se comportaram ao longo dos trinta e três dias de campanha.

⁶ O dicionário é formado pelas seguintes palavras: *Indépendance* (Independência); *Livre Blanc* (Livro Branco); *Question nationale* (Questão nacional); *Référendum* (Referendo) e; *Souveraineté* (Soberania). A sua escolha levou em consideração o dicionário temático desenvolvido por Lawlor e Bastien (2013) para a análise da campanha de 2012. Algumas das palavras-chave escolhidas por estes autores foram mantidas nesta pesquisa, enquanto outras, relacionadas ao contexto da eleição de 2012, foram substituídas por assuntos mais pertinentes à campanha de 2014.

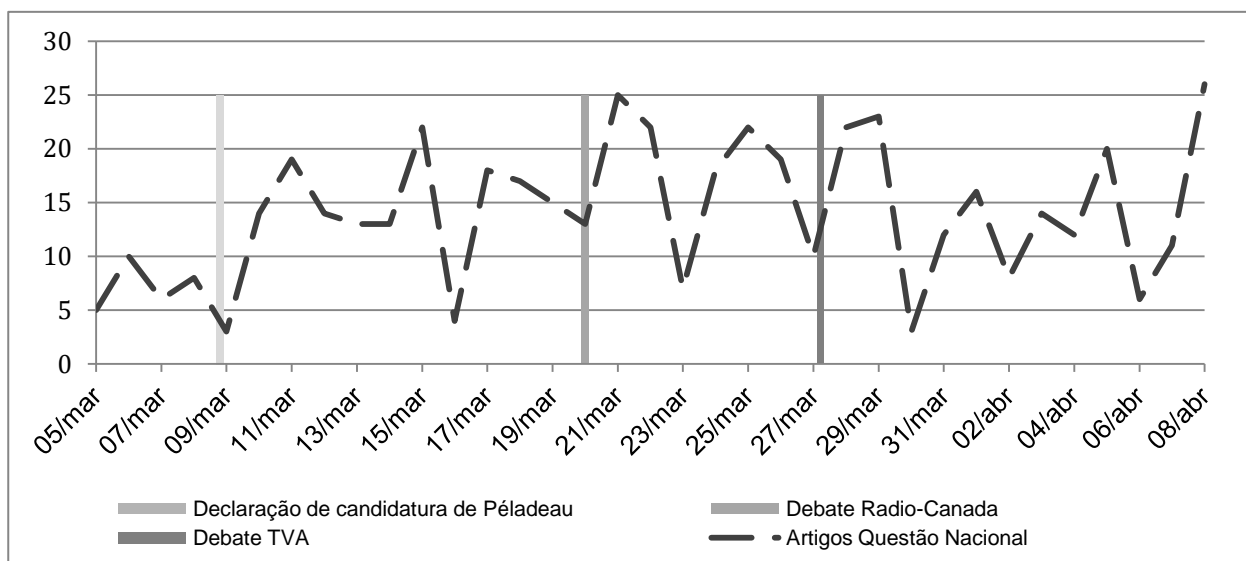


GRÁFICO 1 - Artigos mencionando a questão nacional
FONTE - Autoria própria

Entendemos que o ponto de partida da análise do papel do nacionalismo na campanha de 2014 deve ser o mandato da Primeira Ministra Pauline Marois e as condições de chegada do PQ ao poder em 2012, em especial, no que diz respeito à questão nacional. Esta temática ainda estava profundamente marcada pela recente experiência da Comissão Bouchard-Taylor, instaurada em 2007 em resposta à dita Crise dos Acomodamentos Razoáveis e que culminara em um apelo pela clarificação do regime de laicidade quebequense⁷.

Em 2012, o PQ havia prometido tanto a produção de uma Constituição para a afirmação dos valores quebequenses quanto de uma Carta da Laicidade, atendendo dois dos principais anseios da opinião pública. Uma vez eleito, o partido voltou atrás e reuniu estas duas promessas no Projeto de Lei 60, apresentado à ANQ em 7 de novembro de 2013, que portava o título oficial de “Carta Afirmando os Valores de Laicidade e de Neutralidade Religiosa assim como de Igualdade entre as Mulheres e os Homens e Enquadrando as Solicitações de Acomodações”. A Carta dos Valores,

⁷ Como explica Venne, ainda que a laicidade enquanto valor pudesse ser considerada como um consenso no seio da sociedade quebequense, o princípio da laicidade das instituições públicas do Quebec não era afirmado por nenhuma legislação ou política oficial da província, sendo mantido uma incerteza quanto às suas natureza e extensão (2016, p. 147-148), o que justifica o interesse da Comissão em uma definição mais clara do regime de laicidade e da neutralidade do Estado quebequense.

ou ainda, *Charte*, como o projeto ficou conhecido na linguagem do cotidiano, representou uma ruptura não apenas com a evolução do debate em torno da neutralidade religiosa do Estado no Quebec ao propor a interdição do porte de símbolos religiosos ostensivos – noção não definida pela lei – mas também com a própria Carta dos Direitos e Liberdades do Indivíduos, a principal legislação quebequense, ao atentar à liberdade de consciência (VENNE, 2016).

Desta forma, ela foi interpretada como um exemplo de *wedge politics*, ou uma política baseada na divisão, se inscrevendo, assim, nos movimentos de avanço do discurso populista e de ruptura com a concepção de pluralismo baseado no diálogo, no reconhecimento e na participação de todos, que emergira após o fracasso do referendo de 1995 (GAGNON, ST-LOUIS, 2016, p. 15). Ainda, a Carta dos Valores foi apresentada como um símbolo da virada conservadora do nacionalismo quebequense: se fundamentando em uma concepção da diversidade religiosa estranha à cultura política contemporânea (ABIZADEH, 2016), a orientação desejada pelo governo do PQ para a neutralidade religiosa do Estado e a definição dos valores quebequenses iria de encontro ao modelo de laicidade desenvolvido nas democracias ocidentais entre os anos 1960 e 1970, se assemelhando, em contrapartida, àquele estruturado por movimentos europeus conservadores, como a Frente Nacional francesa, de Marine Le Pen (BERNIER ARCAND, 2015, p. 87). Consideramos este debate como um ponto de partida para a análise do papel do nacionalismo na eleição de 2014 e, até mesmo, uma das razões pelas quais essa temática assume, como explicamos abaixo, um papel fundamental no conjunto da campanha.

Na primeira fase da cobertura midiática, a abordagem da questão nacional é feita a partir do prisma da Carta dos Valores. Em sua declaração de candidatura à reeleição, Pauline Marois faz uma breve alusão à legislação proposta pelo governo, reforçando a sua contribuição para a igualdade de sexos e a neutralidade religiosa do Estado (La Presse, 5 de março de 2014). O principal adversário de Marois, o liberal Philippe Couillard, por sua vez, destacou o caráter divisor da Carta dos Valores, relacionando-o ao objetivo independentista do PQ:

O modo de operação deste governo é a divisão [...] A divisão, em primeiro lugar, entre os quebequenses, entre as comunidades [...] Igualmente, a

divisão por meio de sua verdadeira agenda, seu real objetivo, que é a separação do Quebec. Está marcado no slogan deles: 'Por um Quebec independente'. Então, digamos claramente aos quebequenses: o retorno do Parti Québécois ao governo é a garantia de um referendo sobre a independência do Quebec (COUILLARD, 2014).

Em reação, Marois, anunciou a redação um livro branco sobre o futuro do Quebec, abandonando o projeto de uma cidadania quebequense. Além disso, a Primeira-Ministra manteve uma posição ambígua sobre a realização de um referendo em caso de vitória do PQ: “não há compromisso em realizar um referendo, mas também não há nenhum compromisso em não realizá-lo, eu acredito que é preciso manter a agenda aberta” (Journal de Montréal, 7 de março de 2014, p. 6). Diferentemente do PQ, outros partidos independentistas, como QS e Opção Nacional (ON), reafirmaram seu engajamento em centrar suas campanhas sobre a questão da soberania e em realizar, ao curso de um primeiro mandato, um referendo sobre a independência (La Presse, 6 de março de 2014, p. A4; Journal de Montréal, 6 de março de 2014, p. 26). A questão nacional também foi abordada por alguns dos principais comentaristas políticos do Quebec, o que denota a sua presença desde os primeiros dias de campanha. André Pratte, em seu editorial no jornal *La Presse*, afirmou que “a eleição do PQ não é apenas o risco de um referendo. É também a retomada do debate sobre a separação [...] Com efeito, se o Parti Québécois obtiver a maioria, ele vai fazer de tudo para dar corpo a sua opção” (2014, p. A22). Vincent Marissal, publicando no mesmo jornal, declarou, por sua vez, que: “O fato de falarmos, tão cedo nesta campanha, de um eventual referendo é um sinal evidente da vantagem do PQ. Para muitos, a eleição de um governo Marois majoritário já está assegurada” (2014, p. A3).

Apesar destes registros de usos do nacionalismo na primeira semana de campanha, é a partir da segunda semana que a questão nacional aparece com maior intensidade na campanha. Em 9 de março, punho ao ar, o proprietário do bilionário império midiático Québecor⁸, Pierre Karl Péladeau, anuncia sua

⁸ Québecor possui cerca de 300 empresas nos mais diversos segmentos das comunicações, como jornais, revistas, canais de televisão, editoras, gravadoras, produtoras de filmes, provedoras de internet e televisão a cabo, que lhe asseguram 40% do peso midiático de todo o Quebec. Pierre Karl Péladeau herdou o grupo de seu pai, Pierre Péladeau, e o dirigiu entre 1999 e 2013 e novamente a partir de fevereiro de 2017, após sua breve passagem pela política quebequense. Em 2008, Péladeau

candidatura a deputado de Saint-Jérôme, pelo PQ, “para fazer do Quebec um país”, fazendo explodir o interesse por essa temática.

Antes de examinarmos os efeitos desta tomada de posição na campanha, é preciso considerar a contradição envolvida na adesão de Péladeau ao PQ. É preciso ter em mente que ainda no início da década de 1970 o PQ era considerado como uma fonte de perigo ao *status quo*, em especial, pela sua defesa da independência do Quebec e por suas raízes na social-democracia escandinava (LATOUCHE, 1976, p. 117-119). Como destacamos, até a chegada de QS à cena partidária, o PQ se manteve como o grande representante da esquerda: o partido é sistematicamente apoiado pela Federação dos Trabalhadores do Quebec (FTQ), maior sindicato quebequense. Em sua trajetória anterior à política, Pierre Karl Péladeau, por outro lado, se vez conhecer como um inimigo do sindicalismo. Durante seus quinze primeiros anos de direção de Québecorele realizou 15 *lockouts*, o último deles em 2009, atingindo 253 empregados do *Journal de Montréal* por um total de 764 dias. Nesta ocasião, Péladeau publicou em seus jornais um artigo de opinião no qual ele afirmou que o papel dos sindicatos deveria ser reduzido, pois ao longo dos anos havia sido criado um desequilíbrio entre empregadores frágeis e sindicatos poderosos, que estaria penalizando a economia quebequense (PÉLADEAU, 2010, p. 28). Esta contradição entre a orientação do partido e a visão política de um de seus candidatos vedetes, como destacou um comentarista político (CASTONGUAY, 2015, p. 28), significou a abstração das raízes social-democratas do PQ de modo a atrair um grande empresário para o movimento independentista e, assim, tentar quebrar as incertezas econômicas decorrentes da independência.

Uma vez posta esta candidatura, Pauline Marois anunciou que uma “República do Quebec” manteria suas fronteiras abertas com o Canadá (Le Devoir, 12 de março de 2014, p. A2), assim como o dólar canadense e, preferencialmente, um assento no banco central canadense (La Presse, 13 de março de 2014, p. A10). Na esteira destas declarações, Péladeau confirmou que ele poderia exercer o papel de negociador do governo do Quebec junto ao Canadá no caso de uma vitória do

era o 35º CEO melhor pago no Canadá e, em 2014, o 86º canadense mais rico (BELLEROSÉ, 2014; CASTONGUAY, 2015; FONTAINE, NOLET-ROUSSEAU, 2010).

campo independentista em um terceiro referendo (La Presse, 11 de março de 2014, p. A2). A ala sindical do PQ, o Partido dos Sindicalistas Progressistas por um Quebec Livre (*SPQ Libre*), reconheceu a aliança estratégia com Péladeau na perspectiva de acelerar a ascensão do Quebec à independência, mas mostrou reservas em vê-lo, um dia, como chefe do PQ (La Presse, 11 de março de 2014, p. A5). Percebemos, através destes usos, um entusiasmo com o PQ a respeito da soberania, apesar das declarações de início de campanha, de que este debate não estaria no centro das preocupações do partido.

O PLQ, por sua vez, insistiu na associação entre uma vitória no PQ e a realização de um novo referendo. Couillard solicitou aos eleitores escolher entre “um governo que vai se ocupar de economia, de empregos, de saúde, de educação, de trabalhos para os nossos jovens, ou um governo que vai nos engajar [...] na via referendária”, lembrando que os quebequenses já teriam um país, o Canadá: “vocês são cidadãos de um dos maiores países do mundo, uma cidadania que é muito desejada. Nós somos orgulhosos de sermos quebequenses dentro deste país” (Le Devoir, 10 de março de 2014, p. A3). Os liberais assumiram, desta maneira, a sua posição federalista, de defesa da permanência do Quebec dentro da federação canadense, assim como o fizeram quando dos referendos de 1980 e de 1995. Couillard, inclusive, confirmou que lideraria o campo contrário à independência em uma eventual campanha referendária (Le Devoir, 13 de março de 2014, p. A2), auxiliando a aumentar a percepção de que este era um debate central da campanha e uma perspectiva a ser tomada em consideração. Ao mesmo tempo, o candidato liberal abandonou suas promessas de debater o reconhecimento do Quebec como uma sociedade distinta no interior do Canadá, se declarando favorável a manutenção do statu quo constitucional (Journal de Montréal, 17 de março de 2014, p. 23; La Presse, 17 de março de 2014, p. A3).

Quanto aos partidos terceiros, a CAQ, que, como demonstramos anteriormente não se beneficia de um debate centrado na questão nacional e que propunha, à época, declarar a sua moratória, se esforçou para diminuir a importância desta temática na eleição (Le Devoir, 15 de março de 2014, p. A3). Já QS buscou tomar proveito da controvérsia marcando a chegada de Péladeau ao PQ

para atrair para si o eleitorado mais progressista desse partido, revelando que entre estas duas formações existe uma forte competição pela liderança do campo independentista e progressista. Além disso, a formação liderada por Françoise David criticou os impactos negativos da economia canadense sobre o desenvolvimento do Quebec, reafirmando as vantagens econômicas da independência (Journal de Montréal, 18 de março de 2014, p. 84).

A tomada de posição de Péladeau pela independência manteve alta a atenção pela questão nacional até a realização dos dois grandes debates televisivos da campanha, organizados, respectivamente, por Radio-Canada, em 20 de março, e TVA, sete dias mais tarde. Diferentemente do início da campanha, percebemos nestas ocasiões que o PQ buscou cada vez mais trazer ao centro do debate outros assuntos que não a questão nacional. A possibilidade de um terceiro referendo foi progressivamente afastada, mesmo que, em nenhum momento, ela tenha sido descartada por completo. No primeiro debate, por exemplo, Marois declarou que “o que está em jogo nesta eleição é a eleição de um governo [...] enquanto os quebequenses não estiverem preparados, não haverá referendo. O mais urgente é a criação de empregos” (La Presse, 21 de março de 2014, p. A2). Na esteira desta declaração, Péladeau se juntou aos esforços da líder do partido para minimizar o papel do referendo na campanha, afirmando, em 29 de março, que: “Não haverá referendo, a senhora Marois foi muito clara. Ela disse que ela consultaria os quebequenses” (Journal de Montréal, 29 de março de 2014, p. 14).

Esta reorientação do PQ, que procurou clarificar sua posição quanto à eventualidade de um terceiro referendo, mesmo sem fechar totalmente esta porta de maneira a não se afastar de sua base independentista, foi, sobretudo, incentivada pela evolução das intenções de voto dos quebequenses. Em 18 de março, o PLQ passou, pela primeira vez, à frente do PQ. Propomos, através do Gráfico 2, comparar a evolução das intenções de voto nos quatro principais partidos quebequenses com a média de artigos mencionando a questão nacional publicados no período correspondente à sondagem eleitoral em questão, percebendo as interfaces entre estes dois dados.

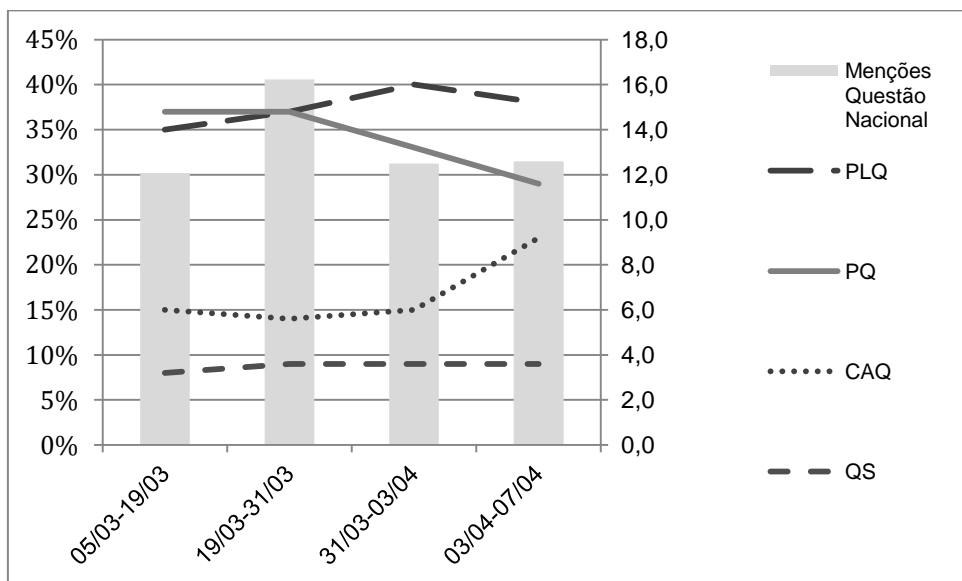


GRÁFICO 2 - Comparação das intenções de voto com as menções à questão nacional
 FONTE - Autoria própria, dados retirados de LÉGER (2014).

O Gráfico 2 nos sugere, em especial, que na medida em que o interesse midiático pela questão nacional cresceu, as intenções de voto no PLQ aumentaram, enquanto as no PQ diminuíram. O foco no debate sobre a um possível terceiro referendo e os contornos de um eventual Quebec independente colocou um ponto final ao ciclo de recuperação do PQ nas intenções de voto, lançado em agosto de 2013, que culminara com o partido se situando no primeiro lugar no momento em que Pauline Marois dissolveu a ANQ e chamou novas eleições de maneira a deter uma maioria para aprovar seu projeto de Carta dos Valores (LÉGER, 2014, p. 8). Esta constatação é sustentada por pesquisas de opinião realizadas em meio à campanha: no momento em que o PLQ toma a dianteira das intenções de voto, 64% dos quebequenses não deseja a realização de um referendo sobre a soberania, enquanto 67% dentre eles estão convictos que o PQ organizaria uma nova consulta em caso de eleição majoritária (Journal de Montréal, 19 de março de 2014, p. 11).

Se as intenções de voto nos dois principais partidos – os polos do debate em torno da soberania do Quebec – sofreram significativa variação de acordo com a visibilidade da questão nacional, no caso dos partidos terceiros não pudemos observar esta interface. CAQ e QS não registraram nenhuma variação significativa nas três primeiras sondagens, como se eles fossem imunes a um maior ou menor

foco na questão nacional. Apenas na última sondagem é que a CAQ sofreu uma importante variação, sendo que QS se manteve estável. Acreditamos que este comportamento deva ser compreendido à luz da transição da clivagem partidária em torno da questão nacional para o eixo esquerda-direita, ou seja, CAQ e QS se beneficiam de um debate centrado na oposição entre esquerda e direita, no qual podem destacar seus respectivos projetos de corte de impostos ou de justiça social, ao passo em que um debate concentrado na questão nacional, no qual estas formações são ofuscadas pelo domínio do PLQ e do PQ, não lhes interessa. Neste caso, um sucesso futuro dos partidos terceiros poderá estar ligado à diminuição da importância da questão nacional no debate político e ao reforço da clivagem esquerda-direita.

Dessa forma, concluímos que, a exceção da CAQ, o nacionalismo foi um componente importante da estratégia dos principais partidos quebequenses. QS buscou tornar mais clara a sua adesão ao campo soberanista. Assim, o partido concorre com o PQ não apenas sob o plano ideológico, mas também da questão nacional, se apresentando como um refúgio para os críticos do nacionalismo “identitário” do PQ, de sua visão econômica tida como neoliberal e de suas hesitações quanto à realização da independência. Um movimento necessário em vista de seu projeto de chegar ao poder provincial até 2026. Dentre os liberais, o principal uso da questão nacional se deu para destacar que o PQ esconderia suas reais intenções quanto a um novo referendo no caso da sua reeleição. O líder liberal foi até mesmo ao ponto de anunciar a inviabilidade econômica de um Quebec independente, reafirmando o seu pertencimento ao Canadá. Quanto ao PQ, finalmente, mesmo que a perspectiva de independência tenha sido mencionada, grande parte da campanha do partido girou em torno das tentativas de esvaziar este assunto na campanha, de modo a evitar sua queda nas intenções de voto. De maneira mais marcante, a questão nacional se fez presente no discurso pequista quando da defesa da Carta dos Valores Quebequenses.

5. Conclusão

O levantamento junto a três jornais francófonos do Quebec permitiu mapear os usos do nacionalismo na eleição de abril de 2014. Notadamente, ele indicou que a questão nacional emergiu pela primeira vez, em campanha, em torno do debate sobre a Carta dos Valores. Com efeito, essa proposta de legislação, em debate desde novembro de 2013, estava a promover um profundo exame sobre a natureza da identidade quebequense. A importância que tomam assuntos relativos às diversidades étnica, cultural e linguística na sociedade quebequense contemporânea deve ser compreendida à luz do desafio que representa para a maioria francófona a afirmação do Quebec enquanto sociedade multiétnica e pluralista. Ao romper com a evolução que se registrava até então sobre a questão da laicidade no Quebec, a Carta acabou por aumentar o mal estar que experimentam muitos quebequenses – em especial, membros de minorias etnoculturais – que se exprime, sobretudo, nas suas dificuldades de identificação coletiva. Ao abrir o debate sobre os valores quebequenses, a Carta acabou por levantar o questionamento de quem é quebequense. Uma nação, como lembra Maclure, só existe quando é nomeada: “A nação não pode estar separada de sua narração. A nação não ocupa o lugar que é seu, mas sim a representação que seus membros fazem dela” (2003, p. 39). Se a retórica dominante apresenta a Revolução Tranquila, de 1960, como o momento de ruptura com o nacionalismo canadense-francês e todo o seu conteúdo reacionário, incentivando a emergência de um nacionalismo cívico portado, em especial, pelo movimento independentista (e no seio deste, pelo Parti Québécois), a Carta representou um questionamento desta narrativa. A sequência dos acontecimentos confirmará a hipótese segundo a qual ela seria um anúncio de que, na impossibilidade de realização da independência pela via parlamentar-referendária, o Quebec se veria mais sensível a um discurso populista e refratário à diversidade. Em outras palavras, de um movimento de retorno a um nacionalismo menos inclusivo.

Além da Carta, a filiação de Pierre Karl Péladeau – cujas tomadas de posição anteriores à vida política indicavam pouca sensibilidade aos valores social-democratas – também foi tomada como um exemplo da virada conservadora do PQ e, por extensão, dos movimentos nacionalista e independentista québécois. Se a

Carta havia destacado a questão nacional do ponto de vista do debate sobre a identidade, a estratégia de comunicação de Péladeau colocou a luz na eventualidade de um terceiro referendo sobre a independência. Comparando o número de menções à questão nacional pela mídia – que tomamos como termômetro da importância deste assunto na campanha – e os barômetros de intenção de voto, podemos concluir que ela impactou no resultado da eleição. Quanto mais ela ganhava destaque – e, portanto, mais o PQ era obrigado a abordá-la de maneira defensiva, uma vez que uma ampla maioria de quebequenses é contrária à realização de um novo referendo – mais este partido caiu nas intenções de voto e, também, mais o Partido Liberal do Quebec – contrário à realização de um referendo sobre a independência, uma posição amplamente compartilhada pelos quebequenses – cresceu. Se, inicialmente, pesquisas apontavam o Parti Québécois como vencedor do pleito, este se findou com a eleição dos liberais e a segunda pior votação recebida pelos pequistas na história. Esta conclusão nos permite considerar alguns possíveis caminhos da questão nacional e pistas para a sua compreensão.

Foram repetidos, em 2014, os mesmos parâmetros presentes no debate público desde os anos 1960 para abordar o futuro político do Quebec. A proposta do Partido Liberal do Quebec não evoluiu para além de uma espécie de federalismo renovado em troca do total apoio do Quebec à Federação Canadense, apesar deste cenário já ter sido prometido pelo campo contrário à independência do Quebec nos referendos de 1980 e 1995 sem nunca, contudo, ter se realizado. Do lado do Parti Québécois, a opção constitucional que o partido apresenta para o futuro do Quebec parece não ser mais capaz de mobilizar de maneira majoritária os quebequenses. Quanto aos partidos terceiros, QS – mesmo que resolutamente contrário à Carta dos Valores – não indica uma solução diferente daquela do PQ para o futuro do Quebec, sendo apenas mais determinado que este na organização de um referendo. Já a CAQ, traz de volta ao debate o velho posicionamento da autonomia provincial, característico do discurso da União Nacional, nas décadas de 1940 e 1950. Em um cenário em que os dois principais partidos parecem presos a soluções já amplamente conhecidas e que os partidos terceiros não são capazes de inovar este

debate, fica evidente a necessidade dos quebequenses renovarem os parâmetros do debate sobre seu futuro político. Como nos lembra Cardinal, este é um esforço “[cuja] ambição é nobre e a possibilidade de uma renovação da reflexão sobre o Quebec e o federalismo é desejável, pois são numerosos os quebequenses que ainda não aceitam o statu quo constitucional e, ainda menos, o federalismo de fechamento” (2010, p. 427).

A presente pesquisa indicou, notadamente, que mesmo com o incremento da competição eleitoral e da importância de questões relacionadas à clivagem esquerda-direita no debate público, a questão nacional ainda continua de primeira importância para se compreender o Quebec. Isto se percebe por meio da atenção que lhe reservaram os partidos políticos em suas ações de campanha; do significativo papel que ela ocupou na cobertura midiática; da sua capacidade de mobilização do eleitorado quebequense e; do seu potencial explicativo dos resultados da eleição de abril de 2014. Ao mesmo tempo, no entanto, sozinha esta temática não nos explica a evolução contemporânea do Quebec. O entendimento desta contradição, ao nosso ver, não pode ser feito à luz apenas da eleição de 2014 ou de qualquer outro escrutínio em particular, mas deve ser estabelecido considerando as estruturas política, econômica e cultural da Federação Canadense nas quais o Quebec está inserido; os impactos da pós-modernidade sobre os movimentos nacionalistas minoritários; as transformações próprias ao nacionalismo quebequense, notadamente, sua suposta virada conservadora; e, especialmente, as tensões internas ao movimento independentista quebequense e ao Parti Québécois. Este é o caminho que vislumbramos para a continuação dos nossos estudos sobre o Quebec.

Referências

ABIZADEH, Arash. Les signes religieux, la laïcité et la mentalité médiévale: du débat public sur la Charte des valeurs. In: GAGNON, Alain-G.; ST-LOUIS, Charles (Orgs.). **Les conditions du dialogue au Québec: laïcité, réciprocité, pluralisme**. Montreal: Québec-Amérique, 2016, p. 29-42.

BALTHAZAR, Louis. **Nouveau bilan du nationalisme au Québec**. Montreal : Vlb éditeur, 2013. 317 p.

BASTIEN, Frédérik; BÉLANGER, Éric; GÉLINEAU, François. Une élection extraordinaire? In: BASTIEN, F.; BÉLANGER, E.; GÉLINEAU, F. (Org.). **Les Québécois aux urnes: les partis, les médias et les citoyens en campagne**. Montreal: Les Presses de l'Université de Montréal, 2013, p. 9-20.

BELLEROSE, Patrick. Course à la chefferie: Combien vaut Pierre Karl Péladeau? **Le Huffington Post Québec**, Montreal, 27 nov. 2014. Disponível em: <http://quebec.huffingtonpost.ca/2014/11/27/chefferie-pq-combien-vaut-pierre-karl-peladeau_n_6231854.html> Acesso em: 31 mar. 2017.

BERG, Oscar. De um nacionalismo a outro: identidades em mutação no Quebec. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE HISTÓRIA DA UFSM, 1., 2016. **Anais**. Santa Maria: Universidade Federal de Santa Maria, 2016.

BERNIER ARCAND, Philippe. **Le Parti Québécois : d'un nationalisme à l'autre**. Montreal: Les Éditions Poètes de Brousse, 2015, 158 p.

BOURQUE, Gilles. Un duplessisme postmoderne et néolibéral? La question constitutionnelle. In: PIOTTE, Jean-Marc (Org.). **ADQ à droite toute!** Le programme de l'ADQ expliqué. Montreal: Les éditions Hurtubise HMH, 2003, p. 194-213. Disponível em : <http://classiques.uqac.ca/contemporains/piotte_jean_marc/a_droite_toute_programme_e_ADQ/a_droite_toute.html>. Acesso em: 01 abr. 2017.

CARDINAL, Linda. Le Québec devrait-il renouer avec le débat sur son avenir au sein du Canada? **Recherches sociographiques**, v. 51, n. 3, p. 427-438, 2010.

CARDINAL, Linda; PAPIILLON, Martin. Le Québec et l'analyse comparée des petites nations. **Politiques et Sociétés**, v. 30, n. 1, p. 75-93, 2011.

CASTONGUAY, Alec. L'art de la guerre selon PKP. **L'Actualité**, v. 40, n. 10, p. 27-42, jul. 2015.

CENTRE D'ÉTUDES SUR LES MÉDIAS. **La presse quotidienne**. Quebec: Centre d'Études sur les Médias, 2015. 14 p. Disponível em : <<http://www.cem.ulaval.ca/pdf/pressequotidienne.pdf>>. Acesso em: 20 nov. 2015.

COALITION POUR L'AVENIR DU QUÉBEC. **Coalition pour l'avenir du Québec**. Montreal, 2011. Disponível em : <http://www.bibliotheque.assnat.qc.ca/DepotNumerique_v2/AffichageNotice.aspx?idn=832>. Acesso em: 29 ago. 2015.

COUILLARD, Philippe. **Point de presse de M. Philippe Couillard, chef de l'opposition officielle**. Quebec: Assemblée Nationale du Québec, 2014. Disponível em : <<http://www.assnat.qc.ca/fr/actualites-salle-presse/conferences-points-presse/ConferencePointPresse-15963.html>>. Acesso em: 24 nov. 2015.

FONTAINE, Léa; NOLET-ROUSSEAU, Émilie. Ne lisez pas le Journal de Montréal. **À bâbord**, n. 34, 2010. Disponível em: <<https://www.ababord.org/Ne-lisez-pas-le-Journal-de>> Acesso em: 31 mar. 2017.

GAGNON, Alain-G. Introdução. In: GAGNON, Alain-G (Org.). **Quebec: Estado e Sociedade**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003. p. 13-18.

GAGNON, Alain-G.; BOUCHER, François. L'état québécois devant les défis de la diversité ethnoculturelle. In: GAGNON, Alain-G.; ST-LOUIS, Charles (Orgs.). **Les conditions du dialogue au Québec: laïcité, réciprocité, pluralisme**. Montreal: Québec-Amérique, 2016, p. 173-196.

GAGNON, Alain-G.; MAY, Paul. Les fédéralistes, les autonomistes et les ouverainistes au Québec : visions plurielles et enjeux nationaux. In: LALIBERTÉ, Robert (Org.). **À la rencontre d'un Québec qui bouge: Introduction générale au Québec**. Paris : Éditions du CTHS, 2009. p. 121-135.

GAGNON, Alain-G.; ST-CHARLES, Louis. Les conditions du dialogue au Québec. In: GAGNON, Alain-G.; ST-LOUIS, Charles (Orgs.). **Les conditions du dialogue au Québec: laïcité, réciprocité, pluralisme**. Montreal: Québec-Amérique, 2016, p. 11-25.

GOUVERNEMENT DU CANADA. **Le français et la francophonie au Canada: Langue, recensement de la population de 2011**. Ottawa: Statistique Canada, 2011. 12 p.

JONES, Richard. Do regime inglês aos dias de hoje. In. BÉLANGER, A., HANCIAU, N., DION, S. **A América Francesa: introdução à cultura quebequense**. Rio Grande: Editora da FURG, 1999, p. 173-189.

KEATING, Michael; MCGARRY, John. Introduction. In: KEATING, Michael; MCGARRY, John (Org.). **Minority Nationalism and the Changing International Order**. Oxford: Oxford University Press, 2001.

KYMLICKA, Will. Immigrant Integration and Minority Nationalism. In: KEATING, Michael; MCGARRY, John (Org.). **Minority Nationalism and the Changing International Order**. Oxford: Oxford University Press, 2001, p. 61-83.

LATOUCHE, Daniel. Le Parti Québécois à la recherche du pouvoir. In: PELLETIER, Réjean (Org.). **Partis politiques au Québec**. Montreal: Cahiers du Québec/Hurtubise HMH, 1976, p. 117-142.

LAWLOR, Andrea; BASTIEN, Frédéric. La campagne vue par la presse écrite. In. BASTIEN, F.; BÉLANGER, E.; GÉLINEAU, F. (Org.). **Les Québécois aux urnes: les partis, les médias et les citoyens en campagne**. Montreal: Les Presses de l'Université de Montréal, 2013, p. 109-122.

LÉGER. **Sondage – Politique Provinciale**: Campagne électorale 2014. Montreal: Léger, 2014. p. 12. Disponível em: <http://www.leger360.com/admin/upload/publi_pdf/201404051FR.pdf>. Acesso em: 16 nov. 2015.

MACLURE, Jocelyn. Narrativas e contranarrativas identitárias no Quebec. In: GAGNON, Alain-G (Org.). **Quebec**: Estado e Sociedade. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003. p. 39-60.

MARISSAL, Vincent. C'est quoi l'enjeu, déjà? **La Presse**, Montreal, p. A3, 6 mar. 2014.

MCPARLAND, Kelly. Separatism feels so good when it stops. **National Post**, Toronto, 8 abr. 2014. Disponível em: <<http://news.nationalpost.com/full-comment/kelly-mcparland-separatism-feels-so-good-when-it-stops>>. Acesso em: 17 nov. 2015.

MILLOT, Micheline. Le Québec et la laïcité. In: LALIBERTÉ, Robert (Org.). **À la rencontre d'un Québec qui bouge**: Introduction générale au Québec. Paris: Éditions du CTHS, 2009. p. 63-75.

PATRIQUIN, Martin. The epic collapse of Quebec separatism. **Macleans's**, Toronto, 11 abr. 2014. Disponível em: <<http://www.macleans.ca/politics/the-epic-collapse-of-separatism/>>. Acesso em: 29 ago. 2015.

PÉLADEAU, Pierre Karl. Et si nous nous posions d'autres questions pour l'avenir du Québec? **Le Journal de Montréal**, Montreal, p. 28, 21 jan. 2010.

PERRONE-MOISÉS, Beatriz. De que se lembram os québécois? Processos de constituição da identidade nacional no Quebec. **Novos Estudos CEBRAP**, n. 59, 2001, p. 23-36.

PRATTE, André. L'agenda ouvert. **La Presse**, Montreal, p. A22, 8 mar. 2014.

SALVET, Jean-Marc. Le PQ vise 75 sièges et une majorité. **Le Soleil**, Quebec, 1 mar. 2014. Disponível em: <http://www.lapresse.ca/le-soleil/actualites/politique/201402/28/01-4743608-le-pq-vise-75-sieges-et-une-majorite.php?utm_categorieinterne=traffidivers&utm_contenuinterne=cyberpresse_lire_aussi_4744709_article_POS2>. Acesso em: 10 nov. 2015.

SMITH, Anthony. O nacionalismo e os historiadores. In: BALAKRISHNAN, Gopal (Org.). **Um mapa da questão nacional**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2000. P. 185-208.

VENNE, Michel. Prudence législative et patiente démocratique: les leçons d'un débat public sur la neutralité religieuse de l'État du Québec. In: GAGNON, Alain-G.; ST-LOUIS, Charles (Orgs.). **Les conditions du dialogue au Québec**: laïcité, réciprocité, pluralisme. Montreal: Québec-Amérique, 2016, p. 147-170.